

I N T E G R A Ç Ã O

Prof. Abramo Rubens Cuter.
Coordenador de Est. de Prob. Brasil.

Este poema é dedicado a três crianças: à criança brasileira que teve a felicidade de nascer no Brasil renovado. Para quem viveu duas épocas, a nossa Pátria tem duas idades: a de antes e a de após revolução. Nessa segunda idade, o nosso Torrão querido tem apenas dez anos. É uma criança gigante que assusta o mundo. Nós, grandes, nunca deixamos de ser a criança que sempre fomos. Por isto eu fiz este poema ao meu querido:

"BRASIL CRIANÇA"
=====

Eu vejo a Pátria
No olho esfuziante da criança;
Da criança que saltita e chora,
E ri e canta, e esbraveja agora.
Eu vejo a Pátria
Na alma da criança que acalanta
Os sonhos mil de um futuro que não veio.
Criança,
Que me encanta,
Escute um pouco:
Esta Pátria que ora vejo
Nos seus olhos
E na alma acostumada
A não sofrer,
Esta Pátria que é você,
Nos queremos grande e forte,
Bela e viva.
Que na luta,
Na labuta que hoje firme nos travamos,
Que ela cresça com você.
Criança, que nasceu em berço d'oiro
Num palácio todo feito
De riqueza fausta e vã.
Ó, criança, no futuro,
Quebra o muro
Que a segura na ganância.
Seja rica generosa,

Seja rica e caridosa,
Seja rica sem pecar,
Seja rica sem pisar,
Seja rica sem manchar
O torrão que a viu nascer.
Que se aumente sua riqueza.
Mas que aumente tão altiva
Sem que aumente a cruel pobreza
Dessa Pátria que são todos.

Eu vejo a Pátria
No olho faminto da criança
Que nasceu só prá sofrer:
Que nem sei por que nasceu.
Sente frio e sente fome
Numa dor que se consome,
Sem ter casa, nem remédio,
Nem brinquedo prá brincar:
Criança nordeste,
Criança favela,
Criança miséria,
Criança que ao léu
Mastiga labéus
Que o grande criou.
O grande canalha que um véu de mortalha
Corrupto teceu. Com ele cobriu o riso que é seu;
O qual sepultou na tumba asquerosa
De sua podridão.
Criança, esta terra
Que é grande, e que é rica,
Que é bela, e que é forte,
Vai, sim, no amanhã,
Crescer com você,
Sem peias de esquerda,
De Leste ou de Centro,
Direita ou de ré,
Ela deve é subir.
Subir nas alturas
Da glória e do amor,
Sem tanta atadura
De frio despudor.
Criança, não chore,

Pois eu já chorei.
Criança, saltita,
Que história formosa,
Soberba e gloriosa,
Eu vou lhe contar:
Era uma vez uma terra muito rica,
Muito bela,
Bem pintada pelo grande Criador
Com as cores que eu já vi no arco-iris
Nas pinturas de Da Vinci,
Michel Ângelo, Rembrant,
Portinari e Rafael.
Suas matas abrigavam um mar verde interminável:
O sangue das árvores,
Correndo, se tornam
Borracha e pneu,
Perfume tão fino,
Remédio e do bom.
Seus frutos são tantos,
Que os frutos reunidos
Da terra inteirinha
Invejam os seus.
Nos galhos floridos
Das flôres mais belas
Que a terra já viu,
Saltitam contentes
As aves mais raras
Que o mundo inteirinho
Cobiça e não tem.
Os troncos tão fortes
Se abraçam aos céus:
São troncos de pinho,
Canela e marfim,
Peroba, caviúna, embuia, ipê,
Que vivem ao lado
Do jacarandá,
Que juntos nas selvas
São verde morada
De feras ignaras
De peles tão finas,
Que vestem grã-finas
De todos os cantos

Daqui e de lá.
Se eu desço na terra
Eu vejo a correr
Os rios caudalosos
Em busca do mar:
É o rio Amazonas,
É o rio Paraná,
É o rio Tocantins,
Rio Negro, Madeira,
Xing, Tapajós,
Tietê, São Francisco...
É um mar s de rios,
Com peixes gigantes,
Milhões de viajantes,
De todo tamanho,
De todas as cores,
De todo sabor.
A terra  tão fértil,
S bast plantar;
E nasce contente
A cana de açúcar,
O trigo, o feijão,
O milho, o café,
Arroz, a batata,
Cebola, algodão,
As frutas mais raras,
Legume, hortaliças,
E tudo que é bom.
Criança, tudo isso
Que eu já le contei,
É pouco,  um nada,
Com o que mui contente
Eu vou le contar:
A terra tão linda
Qual conto de fada,
É rica no ventre,
N parte escondida,
Mas urge cavar.
Se eu cavo esta terra,
Encontro tesouros
De ouro, de prata
E de manganês;

De cobre, de chumbo,
De ferro, esmeralda,
Petróleo, carvão,
Diamante sem fim:
As pedras preciosas
Que o homem procure
Aqui encontrará.
E é lá no nordeste,
Na terra sofrida
Por nós tão querida,
Que a pedra preciosa
Está à flor do chão.

A terra de fadas
Já teve também
Seus homens de brio:
Soldados heróis,
Bandeiras, poetas,
Políticos bons.
Já teve estadistas,
Já teve juristas
Já teve escritores
Guerreiros do bem.
Anchieta, Rio Branco,
O gênio do Ruy,
Também Tiradentes:
E quando o vejo pendente
Sonhando um sonho valente,
O sonho que não viveu...
Mas foi a rubra semente
Que em outros refloresceu
Num séquito firme e valente:
José Bonifácio,
Um "Duque de Escol",
Deodoro, Floriano,
D. Pedro, o primeiro,
D. Pedro, o segundo:
O pai que esta terra
Quis livre deixar.
O filho, um exemplo
De como uma Pátria
Devemos amar.

E outros, são tantos... Nem da p'ra contar.

Eu vejo a Pátria

No olho esfuziante da criança;

Da criança que saltita e chora,

E ri e canta, e esbraveja agora.

Eu vejo a Pátria.

Na alma da criança que acalanta

Os sonhos mil de um futuro que não veio.

Nesse oiho e nessa alma

Vejo ainda, entristecido,

Várias interrogações

Que eu quisera responder:

Se a terra é tão rica,

Se a terra é tão bela,

Se a terra é tão boa,

Se tem tanto herói,

Por que tanta fome?

Por que tantos ais?

Por que tanta dúvida?

Por que tanta gente.

Que morre de fome?

Que morre de frio?

Sem lar, nem trabalho,

Não sabe nem ler?

Crianças que morrem

Já logo ao nascer?

Criança Nordeste,

Criança favela,

Criança miséria,

Criança que ao lêu

Mastiga labéus

Que o grande criou?

Eu sinto, criança,

Seus olhos chorando.

Eu sinto, criança,

Sua alma a sofrer.

Se eu sei muita coisa,

Eu tenho vergonha,

Não vou lhe dizer.

Não vou lhe dizer

De um tempo não longe

Em que eu já vivi:
Pois essa criança
Dos olhos chorando
Lhe digo: sou eu.

Eu vejo a Pátria
No olho esfuziante da criança;
Da criança que saltita e chora
E ri e canta e é feliz agora.

Felizmente, criança,
Existe o 31 de Março
No calendário salutar dos povos.
Também existe o ano de 1964 para a Pátria que é você.

Brasil refloriu,
Cantou e sorriu
Um novo arrebol.
As luzes se acendem,
As matas se rendem,
Estrada se estende,
A indústria fumega
E o homem não nega
O suor do labor.

É a Pátria que cresce
E o peito extremece
Em rasgos de amor.
É o eco de um "grito"
Que vai ao infinito
Que chega até nós.

É o Sete de Setembro que ficou dormindo
A esperar o reflorir do 31 de Março.

Por isso eu lhe digo,
Criança da Pátria,
Daqui de acolá,
Enxugue o seu pranto
E volte a sorrir,
Que a Pátria que é sua
Que é minha, que é nossa,
Não há quem segure
No seu progredir.